

Em resumo, pode-se afirmar que o substantivo se flexiona em português com o fim único de expressar o número. O verbo se flexiona com o objetivo de expressar a pessoa, o número, o tempo e o modo. A expressão dessas categorias se faz com morfemas específicos, previsíveis, pré-determinados. Como nesses casos a produtividade é total, e a previsibilidade quanto ao morfema é automática e mecânica, pode-se afirmar que os vocábulos marcados com flexões são variações e não, formas derivadas. Sendo assim, *livros* e *estudávamos*, por exemplo, são variações de *livro* e *estudar*, não se constituindo, portanto, novos vocábulos da língua. Já *livraria* e *estudante* são vocábulos distintos de *livro* e *estudar*, pelo fato de terem sido anexados às bases os sufixos *-aria* e *-(a)nte*. É por isso que nos dicionários — ou na lista de itens lexicais de um falante nativo — *livros* e *estudávamos* não devem ser considerados como entradas distintas, ao passo que *livraria* e *estudante* devem ser registrados como novos verbetes.

3. CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO

Vimos no item anterior que o gênero do substantivo não pode ser caracterizado como flexão em português. Sabemos que, dado um substantivo, como *lápiz*, *chão*, *aparecimento*, *alegria*, *boi*, *jacaré*, *genro*, *homem*, etc., não cabe qualquer consideração a respeito da flexão de gênero desses itens, uma vez que eles não apresentam flexionamento relacionado com o gênero. Os poucos, ou mesmo raros casos em que o substantivo apresenta, redundantemente, uma marca morfológica, devem ser considerados antes como uma exceção do que como uma regra na descrição do gênero.

Para uma melhor compreensão do problema, apresentamos em seguida quatro quadros descritivos do gênero do substantivo em português, de acordo com quatro enfoques diferentes.

3.1. 1º enfoque: o gênero segundo a ocorrência

3.1.1. O gênero não é explicitado

Isso se dá em determinados contextos em que o substantivo aparece sem determinante, como em uma palestra ou em uma assembléia, por exemplo, em que o orador se dirige aos presentes: — *Colegas!* ou — *Estudantes!* ou — *Mulheres!*, ou ainda nas famosas palavras do diretor de cinema: — *Luz! Câmera! Ação!* Às vezes há a presença de determinantes, mas esses não são flexionados, como em:

Dezenas de *animais* selvagens parecem tristes.

Abelhas dançantes invadiram o recinto.

Proibida a entrada de *crianças* menores de cinco anos.

Observe-se que também nesse aspecto há uma diferença marcante com relação ao número do substantivo. A desinência de número está presente no substantivo, quer como morfema zero de singular, quer como morfema -s de plural. Nos substantivos acima citados — *colegas, estudantes, mulheres, luz, câmera, ação, animais, abelhas e crianças* — não existe qualquer marca de gênero.

3.1.2. O gênero é explicitado através de determinantes flexionados

As árvores *mineiras* parecem tristes.

Os animais selvagens parecem *cansados*.

Nesse caso o gênero do substantivo é explicitado através da concordância. Trata-se, portanto, de um expediente sintático. É preciso deixar claro que essa ocorrência é, de longe, a mais comum em língua portuguesa, razão por que se pode generalizar a questão e afirmar-se que o gênero do substantivo é, primordialmente, uma categoria sintática.

3.1.3. O gênero é explicitado através de mecanismos morfológicos de derivação

Neste item pretendemos defender com mais rigor o ponto de vista de que em exemplos do tipo *gato/gata*, *professor/professora*, estamos diante de derivação e não, de flexão.

A partir de uma determinada base, forma-se o correspondente feminino com o acréscimo de sufixos derivacionais, como, *-a*¹¹, *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-ina*, etc. Essa descrição é a que parece estar mais de acordo com a gramática subjacente do falante, pelos motivos que se seguem.

A língua possui vários substantivos aos quais se pode acrescentar facultativamente o sufixo *-a*, formador de nomes femininos. Observe-se que o nome masculino é, via de regra, a base:¹²

presidente	- presidenta	camelô	- (?)camelo
chefe	- chefe	gigolô	- (?)gigolo
parente	- parenta	coronel	- (?)coronela
pedestre	- (?)pedestra	general	- (?)general
carente	- (?)carenta	rival	- (?)rival
menino	- menina	animal	- (?)animal
soldado	- (?)soldada	canibal	- (?)canibala
cabo	- (?)caba	colegial	- (?)colegial
marinheiro	- (?)marinheira	professor	- professora
bombeiro	- (?)bombeira	doutor	- doutora
(?)cerzideiro	- cerzideira	paquerador	- paqueradora
(?)muso	- musa	tenor	- (?)tenora
goleiro	- (?)goleira	confessor	- (?)confessora
guri	- guria	reitor	- reitora
guarani	- (?)guarania	freguês	- freguesa
colibri	- (?)colibria	marquês	- marquesa
peru	- perua	juiz	- juíza
urubu	- (?)urubua	aprendiz	- (?)aprendiza
tatu	- (?)tatua	camponês	- camponesa

As falhas no sistema vêm demonstrar que a questão está relacionada com a derivação e não, com a flexão. Na flexão, como vimos, há regularidade e previsibilidade com relação a um morfema específico. Essa irregularidade e imprevisibilidade podem ser observadas com mais nitidez no caso dos sufixos *-esa*, *-essa*, *-ina*, *-isa*, etc. Nesse caso, além da irregularidade patente, deve-se observar também a imprevisibilidade com relação aos itens cristalizados e a improdutividade absoluta no estágio atual da língua. De fato, dificilmente o falante criaria um substantivo novo com o acréscimo de sufixos do tipo *-esa*, *-essa*, *-ina*, *-isa*, etc. a substantivos existentes na língua. Além disso, observa-se que o quadro já existente na língua é aleatório quanto à "escolha" do sufixo pelo substantivo (ver quadro nº 4).

A aleatoriedade que se observa no quadro nº 4, refere-se não só aos sufixos do tipo *-esa*, *-essa*, *-ina*, *-isa*, mas também ao sufixo derivacional *-a*. De fato, por que o feminino de *gato* é *gata* e de *galo* é *galinha*? Por que o feminino de *sacerdote* é *sacerdotisa*, o de *abade* é *abadessa* e o de *chefe* é *chefa* (ou, conforme o contexto, permanece invariável)? Se os femininos de *ator* e *embaixador* se formam com o sufixo *-iz*, o *-a* de *doutora* também deve ser interpretado como sufixo. O que se deve levar em consideração não é o fato de o morfema ser formado por uma letra ou mais de uma letra (*-a*, *-iz*, *-esa*), mas a estrutura, o funcionamento, o processo, enfim, o sistema subjacente ao fenômeno lingüístico.

QUADRO Nº 4

	-a	-esa	-essa	-ina	-isa	-iz	-inha
cônsul		x					
czar				x			
maestro				x			
gato	x						
galo							x
sacerdote					x		
abade			x				
pítton					x		
felá				x			
papa					x		
duque		x					
chefe	x						
ator						x	
doutor	x						
rei							x
conde			x				
embaixador						x	

Além disso, as hesitações quanto à "escolha" do sufixo e a possibilidade de ocorrência de itens lexicais distintos vêm comprovar a imprevisibilidade dos sufixos *-a*, *-esa*, *-ina*, *-isa*, etc., atestando-se assim, mais uma vez, o caráter derivacional desses morfemas, como se comprova abaixo:

elefante	- elefanta, aliá, elefoa
cachorro	- cachorra, cadela
varão	- varoa, virago
embaixador	- embaixadora, embaixatriz
poeta	- (a) poeta - poetisa

prior	- priora, prioresa
cavaleiro	- cavaleira, amazona
deus	- deusa, déia, diva

Por fim, é preciso lembrar que a anomalia é às vezes tão grande, que a forma feminina ou se apresenta com *sufixóide*¹³ ou com um tipo de irregularidade totalmente imprevisível:

rapaz	- rapariga	frade	- freira
silfo	- sílfide	rajá	- rani
cão	- cadela	marajá	- marani
lebrão	- lebre	réu	- ré
perdigão	- perdiz	grou	- grua
avô	- avó	rei	- rainha

3.2. 2º enfoque: gênero exclusivo e gênero não-exclusivo

Um segundo enfoque para o estudo do gênero do substantivo leva em conta o substantivo em si, independentemente de sua ocorrência na frase. Numa divisão inicial, podemos dizer que há substantivos de gênero exclusivo e substantivos de gênero não-exclusivo.

3.2.1. Substantivos de gênero exclusivo

A quase totalidade dos substantivos em português apresenta um gênero próprio, exclusivo. Normalmente esses substantivos não possuem uma marca morfológica de gênero. Podem ser concretos (*casa, dente, pijama, revólver*) e abstratos (*poder, menção, desenvolvimento, orgia*) ou referir-se a pessoas (*criança, carrasco, intérprete, indivíduo, homem, genro*) e animais (*cobra, rinoceronte, mosquito, vaca, bode, zangão*).

Alguns substantivos que pertencem exclusivamente ao feminino, apresentam uma marca morfológica desse gênero. Essa marca é um sufixo derivacional que aparece em palavras do tipo, *menina, gata, freguesa, perua, duquesa, condessa, czarina,*

galinha, etc. Essas palavras, que são morfologicamente complexas, são derivadas de bases simples: *menino*, *gato*, *freguês*, *peru*, *duque*, *conde*, *czar*, *galo*, etc. Essas bases simples, por sua vez, não apresentam marca de masculino.

3.2.2. Substantivos de gênero não-exclusivo

Alguns substantivos não pertencem a um gênero exclusivo, ou seja, não obrigam o seu determinante flexionado a adotar a marca morfológica de um gênero específico. Assim, a língua admite tanto *pianista inspirado*, quanto *pianista inspirada*. Nesse caso, não se pode falar em *concordância gramatical*, uma vez que não há um ajuste de morfemas. Pode-se falar em concordância "lato sensu", em que há um ajuste, ou uma adequação ao sexo da pessoa a que se quer referir. A tradição gramatical portuguesa reserva para esses nomes uma terminologia específica: *comuns de dois gêneros*. Observe-se que eles sempre se referem a pessoas e nunca, a animais: *agente*, *artista*, *colegial*, *herege*, *intérprete*, *jovem*, *selvagem*, etc.

3.3. 3º enfoque: o componente semântico

Um terceiro enfoque para o estudo do gênero do substantivo poderá ter como ponto de partida o aspecto semântico. Propomos uma divisão inicial, que será apresentada nos itens abaixo.

3.3.1. Referentes não-sexuados

Na quase totalidade dos substantivos em português, o gênero é uma classificação puramente gramatical, que se divide em dois grupos: os que levam o determinante flexionado a apresentar desinências masculinas e os que levam o determinante flexionado a apresentar desinências femininas. Pertencem a esse grupo os substantivos que designam referentes não-sexuados, como: *casa*, *lápiz*, *paixão*, *encantamento*, *república*, *gastroenterite*, *morfema*, etc.

3.3.2. A correlação: gênero/ser sexuado

Em alguns poucos casos, o gênero do substantivo está relacionado a referentes sexuais. A correlação *gênero/sexo* é um fenômeno restrito na língua portuguesa. Ela só se dá em dois casos:

1. Os substantivos primitivos que pertencem ao gênero masculino e que se referem a seres machos: *gato, diretor, freguês, peru, abade, maestro, czar, tigre*, etc.

Os substantivos derivados que pertencem ao gênero feminino e que se referem a seres do sexo feminino: *gata, diretora, freguesa, perua, abadessa, maestrina, czarina*, etc.

2. Os substantivos que se organizam heteronimicamente em pares apresentam a seguinte correlação: nomes que se referem a seres do sexo masculino pertencerão ao gênero masculino e nomes que se referem a seres do sexo feminino pertencerão ao gênero feminino. Pertencem a esse grupo substantivos que se referem a seres humanos: *pai/mãe, genro/nora, homem/mulher, cavalheiro/dama, compadre/comadre, frei/sóror, macho/fêmea, marido/mulher, padrasto/madrasta, padrinho/madrinha*, etc. Também pertencem a esse grupo substantivos que se referem a animais: *bode/cabra, boi/vaca, carneiro/ovelha, cavalo/égua, zangão/abelha*, etc.

3.3.3. A não-correlação: gênero/ser sexuado

Há alguns substantivos do português que, embora se refiram a seres sexuais, não apresentam qualquer correlação com o gênero gramatical. São substantivos de dois tipos. Em primeiro lugar, os substantivos, de gênero exclusivo, que podem referir-se tanto a seres do sexo masculino, quanto a seres do sexo feminino, como: *uma criança educada* ou *um jacaré perigoso*. Pertencem a esse grupo palavras que se referem a seres humanos (*algoz, apóstolo, carrasco, cônjuge, indivíduo, verdugo, criatura, pessoa, testemunha, vítima*) e palavras que se referem a animais (*águia, baleia, borboleta, cobra, mosca, onça, pulga, sardinha, besouro, condor, crocodilo, gavião, polvo, rouxinol, tatu*, etc.).

3.4.2. Vocábulo único com determinantes heterônimos

O vocábulo é único, mas a oposição se faz através dos determinantes heterônimos *macho* e *fêmea*:

cobra	macho	jacaré	macho	rinoceronte	macho
	fêmea		fêmea		fêmea

3.4.3. Vocábulos distintos: primitivo/derivado

A distinção é feita através de vocábulos diferentes, ou seja, primitivo e derivado. É a única distinção que se baseia em mecanismos morfológicos:

gato/gata	abade/adabessa	maestro/maestrina
cônsul/consulesa	menino/menina	poeta/poetisa

3.4.4. Vocábulos heterônimos

A distinção é feita através de substantivos heterônimos:

homem/mulher	bode/cabra
genro/nora	zangão/abelha

4. CONCLUSÃO: O GÊNERO DO SUBSTANTIVO

Para finalizar este item, transcrevemos estas palavras de ALONSO & UREÑA (1964, 1ª vol., 60-61), que, de maneira simples e objetiva, sintetizam a questão do gênero do substantivo: